

## A Orquestra veio para ficar

Duas edições que provam que a Orquestra de Jazz de Matosinhos veio para ficar.  
*Paulo Barbosa*



**Orquestra Jazz de Matosinhos**  
Invites Chris Cheek  
*Fresh Sound New Talent; distri. lojas Fnac*

★★★★☆



**Lee Konitz-Ohad Talmor Big Band**  
Featuring Orquestra Jazz de Matosinhos  
*Portology Omnitone; distri. Trem Azul*

★★★★☆

Desde 1999 que a Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM), sob a direcção dos pianistas Pedro Guedes e Carlos Azevedo, vem dando crescentes provas de uma postura inversa à de umas tantas "ghost bands" (Count Basie, Duke Ellington, Tommy Dorsey, Jimmy Dorsey, Gene Krupa, Dizzy Gillespie, etc.) que, de modo cada vez mais inexplicável, teimam em espremer até à última gota um repertório há muito gasto e batido.

A OJM tem convidado solistas de renome, como a trompetista Ingrid Jensen, os trombonistas Conrad Herwig e Gary Valente, os saxofonistas Bob Berg, Mark Turner e Rich Perry ou o baixista Steve Swallow, ao mesmo tempo que se tem deixado dirigir por conceituados maestros e arranjadores como Stephan Ashbury, Carla Bley ou Dieter Glawischnig, director da Big Band da Rádio de Hamburgo (NDR), a orquestra da qual mais se aproximará a filosofia da OJM: por um lado, criando um repertório próprio e, por outro, interpretando novas peças da autoria de importantes nomes do jazz contemporâneo.

São exactamente estes dois tipos distintos de situação os que se verificam nas gravações de que aqui se fala. O primeiro disco é constituído por uma sequência de oito temas, cinco da autoria de Carlos Azevedo e três de Pedro Guedes, que repartem entre si a responsabilidade dos arranjos e da direcção da orquestra, apresentando-se o saxofonista tenor Chris Cheek como solista principal. O segundo registo traz-nos a interpretação de uma obra de Lee

### Orquestra de Jazz de Matosinhos

Konitz e Ohad Talmor, tendo este escrito os arranjos e dirigido a orquestra no sentido de destacar e deixar brilhar Konitz, mítico saxofonista alto, velho parceiro de Lennie Tristano e de Miles Davis.

Toda a música escrita para "Invites Chris Cheek" apresenta uma elevada consistência interna, soando cada um dos arranjos como uma entidade orgânica, com vida própria, que o solista convidado tratou de nutrir da melhor forma. Cheek é um dos grandes improvisadores da actualidade que, ao longo da última década, tem deixado a sua marca numa enorme diversidade de projectos, em nome próprio ou para outros músicos, como Paul Motian, David Berkman, Charlie Haden ou Matt Penman. Dotado de uma inteligência harmónica rara, poupa ao ouvinte desnecessárias demonstrações do seu virtuosismo instrumental, dedicando-se a oferecer um natural

desenvolvimento de cada uma destas peças. Com um timbre não tão musculado quanto muitos poderiam desejar, o saxofonista compensa pelo lirismo e pela surpresa de cada uma das suas invenções melódicas. De mãos dadas com as excelentes qualidades interpretativas da OJM e com a excepcional máquina rítmica que é Jordi Rossy, Cheek torna este convite num belíssimo registo para orquestra e solista.

"Portology" beneficia da intervenção de Ohad Talmor, de quem se prevê que a história venha a rezar como um dos mais eminentes arranjadores do jazz do novo século. Talmor compôs, em parceria com Lee Konitz, a maioria destas peças, organizando algumas delas, tematicamente relacionadas, em pequenas suítes.

Se Cheek pode ser considerado um dos grandes improvisadores do jazz actual, Konitz é um dos maiores

de toda a sua história. Apesar das 80 primaveras com que já conta, continua, nos últimos anos, a revelar uma consistência e jovialidade invejáveis. A facilidade com que torna cada nova frase numa consequência inevitável da anterior, formando um discurso fluido e invariavelmente inventivo, continua a impressionar nos mais diferentes contextos em que se tem apresentado e, nesta matéria, "Portology" não constitui excepção.

O único problema desta gravação parece relacionar-se com uma escolha pouco adequada do baterista - este não é, definitivamente, o tipo de material musical que se esperaria ouvir impulsionado por um baterista como Mário Barreiros, perfeitamente capaz noutros contextos, mas aqui frequentemente perdido, ainda que compensado pela robustez e pelo rebuscado empenho do contrabaixista Demian Cabaud. Em todo o resto, da escrita às improvisações, passando pela qualidade dos arranjos e pelo primor interpretativo da orquestra, "Portology" constitui mais uma garantia de que a OJM veio para ficar.



### Os nossos ++

- **Júlio Pereira - Geografias**  
Entre fados e polkas, madrigais e mazurkas
- **Studio - West Coast**  
Da Suécia, pop electrónica preguiçosa
- **Medeski, Scofield, Martin & Hood - Out Louder**  
O jazz numa contagiante fusão com o funk
- **Electrelane - No Shouts, No Calls**  
Beleza glacial, guitarras rock e canções pop
- **José Afonso - As Últimas Gravações**  
Os dois últimos álbuns de Zeca
- **David Torn - Prezens**  
Ícone da editora de jazz ECM nos anos 80 regressa a casa
- **Mário Laginha Trio - Espaço**  
Uma ideia de jazz no piano de Laginha
- **White Stripes - Icky Thump**  
O rock directo e elementar da dupla americana
- **Mudd - Claremont 56**  
Espírito de Verão e música de dança distendida
- **Kalabrese - Rumpelzirkus**  
House, enxuta, em câmara-lenta